

Bebida, canto e alma — os índios Ticuna e a imortalidade

Edson Tosta Matarezio Filho

PPGAS-USP

sociais@hotmail.com

Resumo

Minha comunicação se baseia em minha pesquisa de doutorado sobre os Ticuna – índios de língua isolada localizados na tríplice fronteira entre Brasil, Colômbia e Peru – o mais numeroso grupo indígena do Brasil. Entre estes índios, a moça que menstruou pela primeira vez fica reclusa até que seja aprontada sua festa de iniciação, a chamada Festa da Moça Nova. A menina ficará reclusa em um quarto feito de talos de palmeira buriti, anexo à casa de festas. Atrás deste local de reclusão, no recinto dos trompetes, ficam os instrumentos sagrados, que tocarão durante o ritual, aconselhando a “moça nova”.

Ao longo de minha comunicação pretendo apresentar o principal motivo para os Ticuna fazerem a Festa da Moça Nova: alcançar a imortalidade. Durante estes rituais, espera-se que os imortais/encantados (*üünne*) visitem a festa para levar as pessoas que estão celebrando este rito de passagem feminino. Segundo um de meus informantes, “quando todo mundo está de porre a casa sobe [para a terra dos imortais]. Antigamente, aparecia um imortal para muitas moças e levava elas. Os encantados levavam todo mundo que estava na festa com ela”.

Palavras-chave

Ticuna, música, ritual, bebida, imortalidade

A Festa da Moça Nova

Os Ticuna conformam uma população atual de mais de 50 mil pessoas distribuídas entre Brasil, Colômbia e Peru (Goulard, 2009: 15). No Brasil, constituem o mais numeroso grupo indígena, contando com mais de 46 mil indivíduos. Estão distribuídos ao longo da bacia do Rio Solimões (AM), com sua maior concentração no alto curso deste rio e apresentando também uma forte presença em cidades amazônicas.

O ritual mais importante para estes índios, a iniciação feminina, é a chamada Festa da Moça Nova (*Worecütchiga*)¹. Entre os Ticuna, a moça que menstruou pela primeira vez fica reclusa até que seja aprontada sua festa. Neste ritual, a menina ficará “guardada” (*aure*) em um quarto feito de talos de buriti (*turi*), anexo à casa de festas. Na manhã do último dia de festa, a moça deverá sair do “curral” de reclusão com os olhos tapados por um parente, rompendo os talos de buriti que formam suas paredes. Nesta primeira festa após a menarca, depois de sair da reclusão, a moça tem seus cabelos arrancados.

Trata-se, portanto, de um complexo ritual que dura três dias e leva meses para ser preparado. Nesta comunicação apresentarei principalmente a importância das bebidas consumidas durante a festa, sua relação com a música ticuna e o tema da imortalidade.

Antes de falar sobre a relação que se estabelece com os imortais nas festas, quero comentar rapidamente sobre um tipo de troca estabelecida entre os convidados e os anfitriões do ritual.

¹ *Worecū* = “moça nova”, a menina que menstruou pela primeira vez. *Tchiga* é um termo da língua ticuna usado para se referir a diversas ideias relacionadas à “palavra”. Segundo a linguista Montes Rodríguez (2005: 58), em um sentido amplo, *tchiga* corresponde à “palavra” de uma “entidad mítica o humana, el significado de las cosas, la historia de algo ou alguien, las historias míticas”. Esta mesma autora dá os seguintes exemplos, *Yoitchiga* seria “la historia, el cuento, el mito y la palabra del héroe mítico Yoi”. *Cutchiga* pode ser traduzido como “tua história”, trata-se de um termo que aparece com frequência nos “cantos rituales de iniciación femenina posiblemente para referirse a todo el proceso vivido por la joven iniciada”.

Convidados e anfitriões

Para os ameríndios, de um modo geral, a carne moqueada cumpre um importante papel como dádiva doada pelo grupo que vem para a festa em troca das bebidas que o grupo anfitrião proverá. De acordo com Viveiros de Castro (1986), a oposição complementar entre a carne, trazida pelos convidados, e a bebida, oferecida pelos donos da festa, é difundida por todo continente. Tal troca conformaria a “armadura simbólica das relações” ou o próprio “arcabouço dos ritos” (Teixeira-Pinto, 1997:350). Para os Araweté, por exemplo, povo de língua tupi-guarani, a carne moqueada trazida pelos homens é considerada o “pagamento do cauim”, produzido pelas mulheres (Viveiros de Castro, 1986: 340). Tal troca conformaria a “armadura simbólica das relações” ou o próprio “arcabouço dos ritos” (Teixeira-Pinto, 1997:350). Este tipo de troca ritual é bastante comum entre os povos de língua Caribe. Para os índios Arara, em seus rituais de Iepari, por exemplo, os visitantes-mutuns, doadores de carne moqueada, esperam ser “atraídos” pelo canto dos anfitriões-guariba, doadores de bebida fermentada. No caso das trocas rituais Arara estudadas por Teixeira-Pinto, este autor conclui que a “caça é a condição da bebida, como a predação é a da troca” (idem: 365, nota 27). Para os Waimiri-Atroari, grupo indígena também de língua caribe que estudei em meu mestrado, também não é diferente. Um informante assim relata a importância desta troca: “*Nós levamos a carne e o pessoal tem que dar o mingau...*” (Do Vale, 2002: 70).

Os Ticuna operam uma troca semelhante entre convidados e anfitriões. Contudo, diferente dos índios de língua tupi ou caribe, que trocam bebidas por carne, os ticuna trocam bebidas e carne moqueada por máscaras, fibra de tucum e talos de buriti. O item mais valioso destes presentes é a casca de árvore chamada *tururi*, que é entregue ao dono da festa em forma de máscara. Estes mascarados chegarão à festa, beberão e receberão carne moqueada.

A participação dos mascarados durante os rituais remonta ao tempo em que homens e animais ainda não se distinguiram. O aprendizado da fabricação das máscaras pelos humanos assinala uma ruptura semelhante aquela introduzida com a origem da mortalidade (Goulard, 2009: 167). A estes mascarados é oferecida a bebida que substitui a “bebida da imortalidade” que encontramos na mitologia ticuna. Portanto, enquanto as máscaras recordam a separação primordial entre humanos e animais, a bebida conecta todos os participantes da festa com a imortalidade perdida no tempo mítico, mas que todas as Festas de Moça Nova tentam reaver.

Esta bebida tomada durante o ritual, além desta relação com a imortalidade e eu retornarei a este ponto, tem uma estreita relação com canto para os Ticuna. É disto que tratarei brevemente agora.

Canto, bebida e espírito

Algo que devemos ter em mente quando estudamos a música de outros povos é o fato este termo, “música”, ser uma abstração quase exclusivamente europeia. Segundo o musicólogo alemão Carl Dahlhaus:

“Se, pois, a categoria “música” (...) é uma abstração que em muitas culturas se levou a cabo, e noutras não, encontramos-nos então perante a infeliz alternativa ou de reinterpretar e alargar o conceito europeu de música até a alienação quanto à sua origem, ou de excluir do conceito de música as produções sonoras de muitas culturas extra-europeias”. (Dahlhaus, 2009[2001]: 15)

O que se apresenta como uma “infeliz alternativa” para o grande musicólogo europeu, contudo, é o material por excelência do etnomusicólogo. Talvez uma das questões mais interessantes da etnomusicologia seja: o que é música para determinado povo?

No espaço desta comunicação não falarei sobre o que é música para os Ticuna, algo que ainda estou longe de saber. Contudo, o ato de cantar é



algo que debati bastante com os cantores ticuna e gostaria de comentar um pouco sobre o canto destes índios antes de abordar sua relação com a bebida.

Muitas palavras são usadas na língua ticuna para se referir ao canto, mais especificamente ao ato de cantar. Cantar, para um ticuna, pode indicar muitos tipos de artes verbais. *Wiyae* seria a noção mais geral de canto, a idéia mais próxima de nossa palavra “canto”. Dentro desta idéia de *wiyae*, existem outras categorias mais específicas. *Wawe*, por exemplo, é uma palavra que designa o que chamamos de acalanto. Serve para se referir a um canto mais suave, como quando se canta para uma criança dormir.

Existe mais uma noção mais próxima do canto que é entoado no ritual. *Utü* é a palavra usada para se referir ao canto executado na festa da moça nova, com a voz fina, mas também ao canto dos pássaros. Os homens cantores da festa da moça nova, por exemplo, cantam em falsete e este tipo de canto é denominado *utü*. Não serve para se referir ao cantor de forró.

E, por fim, o canto de que tratarei mais detidamente nesta comunicação, *ã'ẽ*. Este gênero vocal ou forma de cantar é aprendido pelo aprendiz de xamã ao entrar em contato com os espíritos das árvores. O aprendiz de pajé se põe em contato com os espíritos das árvores e aprende seu canto gradualmente (Nimuendaju, 1952:100-102; Goulard, 2009: 83). Curiosamente, a bebida fermentada também é designada pelo mesmo termo, a mesma bebida que irá alimentar os instrumentos que tocarão aconselhando a moça nova durante o ritual. Outro significado deste mesmo termo, podemos traduzir como “princípio vital” ou espírito, duplo da pessoa. O *ã'ẽ*, junto com o *ma'ũ*, são os dois princípios que conformam a pessoa ticuna. Ou seja, temos, portanto, uma notável confluência de significados neste termo, *a-e*: canto, bebida fermentada e ‘princípio vital’ (Goulard, 2009: 169).

Por que se faz a Festa da Moça Nova?

Estabelecidas estas relações entre imortalidade, bebida e canto para os Ticuna, pretendo explorar agora algumas questões que considero centrais para entender esta tripla relação. Porque se faz a Festa da Moça Nova? Quais as relações, além das estabelecidas entre convidados e anfitriões, são buscadas na preparação e execução deste ritual de passagem? Qual a importância da esperada participação dos imortais na festa?

Participei de duas Festas de Moça Nova durante meu trabalho de campo, em 2012, e mais duas agora, no trabalho de campo que acabo de terminar. Ao logo deste período de campo, também tive a oportunidade de gravar, transcrever e traduzir diversos cantos da festa e mitos que ajudam a compreender o sentido deste ritual.

Segundo meus informantes, a Festa da Moça Nova é feita por dois motivos. O motivo mais explícito é o perigo dos bichos/demônios (*ngo'ó*). Se a festa não é feita, qualquer um da comunidade, principalmente a moça, pode ser atacado por esses seres e serem comidos. Durante estes rituais, diversos cantos são entoados para aconselhar as “moças novas”. Dentre as inúmeras canções entoadas para a moça nova em sua reclusão, uma delas me foi referida como a canção da moça que foi levada pelo bicho porque ninguém cantou para ela. Em consequência de não terem feito festa para a moça, diz a canção, o Tchurara, um tipo de demônio (*ngo'ó*), iniciou a menina. A canção destaca principalmente que o Tchurara pintou a menina com seu falso jenipapo.

A segunda razão que me foi indicada para fazerem a festa é o fato de ela estar estreitamente relacionada com a imortalidade e o mito ticuna da origem da vida breve. Os mitos narram histórias de casas de festa que, com todos cantando e de porre (*ngaün*), subiram para o céu dos encantados/imortais (*üünne*). De certa forma, creio que os especialistas no ritual tem a esperança em alcançar a imortalidade através de uma festa bem realizada. Espera-se que os imortais/encantados (*üünne*) visitem a festa

para levar as pessoas que estão celebrando este rito de passagem feminino. Durante uma explicação sobre a letra da canção dos imortais, Francisco (Üpetücürüngütchiãcü) me disse o seguinte: “todo mundo tem que ficar dentro da casa para serem levados. Quando todo mundo está porre a casa sobe. Antigamente, durante a festa da moça nova, aparecia um encantado para muitas moças e levava ela. Os encantados levavam todo mundo que estava na festa com ela”.

O que mais gostaria de destacar da fala mencionada acima é a referência a este momento crítico da festa. Não por acaso, é quando estão todos bêbados que os imortais “pegam” o corpo das pessoas para tocar os trompetes. Afinal, neste momento existe a possibilidade de a casa subir para o céu e todos os que estiverem lá dentro se tornarem imortais. Antigamente, a Festa da Moça Nova era feita para ela ver os encantados (*üünne*). Fazendo a festa da forma correta, a casa inteira era levada para o Morügüne, lugar dos encantados. O problema é que hoje em dia, dizem os mais velhos, as pessoas não respeitam mais a sacralidade do ritual. As crianças olham os instrumentos, as pessoas saem para namorar no meio da festa e as moças namoram com os primos antes de fazerem sua festa.

Mitologia da imortalidade – a origem da vida breve ticuna e a possibilidade de se imortalizar

A intenção de se imortalizar também está presente em inúmeros mitos dos Ticuna. Nimuendaju (1952), por exemplo, que realizou extensa pesquisa de campo entre os Ticuna – em 1929, 1941 e 1942 –, coletou uma série de mitos que relatam a conquista ou a perda da imortalidade².

Um destes mitos, por exemplo, conta que uma “moça nova” estava sendo iniciada e ouve os imortais entrando na casa de festa. Imediatamente ela responde ao chamado deles e diz que quer se imortalizar. “A worecü [menina que está sendo iniciada] e os outros celebrantes estavam sentados

² Estes mitos foram analisados por Lévi-Strauss em *O Cru e o cozido* (2004 [1964]), quando ele trata dos mitos sul-ameríndios que relatam a origem da vida breve.



em cima do couro de anta no centro da casa. O tambor de carapaça de tartaruga estava soando, e os convidados estavam dançando. De repente, o couro de anta começou a se mover, subindo no ar” (idem: 136). Uma convidada que estava namorando fora da casa não percebe o que está acontecendo e perde sua carona para a imortalidade. Ao final do mito o couro de anta com os convidados se torna a aureola lunar.

Um destes mitos, por exemplo, fala de uma moça que foi levada ao final de sua festa de iniciação por um “jovem [que] apareceu em forma de anta” (idem: 137). Quando ela volta para visitar a família, seu marido distribui “bebida dos imortais” para as pessoas que estão na festa do irmão mais novo da moça. “Todos ficaram bêbado e nessa condição foram embora com o casal para a morada dos imortais no Igarapé Eware.” (*ibidem*). Na história do incêndio e do dilúvio mundiais, apenas duas moças que estava reclusas se salvam do incêndio que consumiu o mundo. “[U]nicamente sua cela de reclusão permaneceu firme, e, enquanto todos os outros estavam morrendo, as duas irmãs permaneceram vivas” (idem: 141). Ao final da história, uma das moças vai para a morada dos imortais também. Os mitos que tratam do tema da imortalidade, portanto, narram situações em que ela foi conquistada ou perdida, uma possibilidade que está aberta também na Festa da Moça Nova.

De acordo com meus informantes, antigamente as pessoas tomavam um banho de uma mistura para se encantar. O banho era preparado com folha de taperebá, casca de ura, olho verde de buriti e devia ser tomado à meia-noite. A moça nova toma banho todos os dias à meia-noite com esta mistura. Estas pessoas que queriam se encantar deveriam se alimentavam apenas de um verme que cresce no tronco do buriti (*bo’o*) e pequenos grãos de milho. Nimuendaju cometa como se fazia antigamente para uma festa tornar seus participantes imortais:

“Nos velhos tempos, quem quisesse se tornar imortal submetia-se a uma dieta de milho e larvas de coleóptera [ordem de insetos] e, quando se banhasse, esfregaria o corpo inteiro com frutos de

buriti. Então, um dia na selva, se encontraria com um menino desconhecido que proporia à pessoa preparar uma festa em tal e tal dia. No dia marcado, de tarde, as aves aquáticas de todas as espécies apareceriam e se empoleirariam nas árvores próximas da casa. Ao anoitecer a dança iria começar dentro da casa fechada. Algum tempo depois, um imortal em forma humana bateria à porta. Devem deixá-lo entrar e conduzi-lo até os jarros, onde ele daria ao anfitrião uma cabaça pequena contendo bebida dos imortais, *yita'kü tchüü*, que deve ser misturada a cerveja festiva (chicha), porque para se tornar um dos imortais é necessário partilhar da sua bebida.”

“Na madrugada todos os imortais entrariam, dançariam, beberiam e escolheriam cônjuges, os mortais solteiros fazendo o mesmo, às vezes até mesmo os casais se separariam, a fim de se juntar aos imortais. Ao romper do dia, os espíritos, ao dançar, conduziram todos os celebrantes para fora da casa, e depois de uns quinze passos mandariam que fechassem os olhos. Quando abrissem de novo, eles já estariam longe, na morada dos imortais.” (1952: 136).

Imortais, instrumentos musicais e som

Atrás do local de reclusão da moça, no “curral” do trompete *to'cü* (*to'cüpüün*), ficam os instrumentos tabus para mulheres e crianças (os trompetes, *to'cü* e *iburi*; e a flauta de embolo *nge'cütü*). Ambos os trompetes são considerados “gente”, “pessoas” (*du-û*), pois possuem “princípio vital” (*a-e*) e “corporal” (*ma-û*), portanto, devem ser alimentados com bebida fermentada (*pajauaru*) durante os rituais.

O “copeiro” – encarregado de cuidar para que se cumpra o processo ritual e de servir bebida fermentada para os convidados –, conta para o soprador de trompete o nome do clã da moça. Então o trompete canta pedindo bebida à moça nova. Quando ele pede o caldo para a ela, ela suspende as palhas do curral dos instrumentos e entrega a vasilha com a bebida para os tocadores. Além de beberem do líquido, a bebida é vertida na “boca” dos trompetes, eles têm sede, também querem tomar.

A moça nova não pode dormir enquanto estiver dentro do local de reclusão. Deve estar sempre atenta aos pedidos de caldo dos tocadores de trompete. Um informante me contou também que “às vezes, *uünne* [imortais/encantados] pede caldo e ela tem que ouvir. *Uünne* vem tocar o *to’cü* e pedir caldo. Ela tem que ouvir e dar caldo para ele. Isso acontece quando todo mundo já está de porre, então, *uünne* pega o corpo da gente para tocar o *to’cü*”.

Transcrição última canção do vídeo do Ihuri – canção de pedir bebida para a moça. Começa em 8:35 min do filme.

Rü nheün i curü ya
“Cadê o seu”
Cupaweru ya yauratchiün i tchonamã i cu’ã
“caldo de pajauru [*cupaweru*] que brilha como o reflexo da lua
[*yauratchiün*]?”
Pa iri iri pa worecü
“Moça Nova”
Rü tchamarü natücüma tchautchi’ün arü nañewatürü
“Eu saí da minha casa à toa”
Cucai’tchacaetchigu’ün ya rü nhuma rü ya
“Chegando e cantando [*caetchigu’ün*]”
Deyu’ün nua itchi õã
“E agora eu estou sofrendo de frio”
Pa iri iri pa worecü
“Moça Nova”

Pelo que ouvi, os encantados (*uünne*) possuem uma audição sobre humana e tem um gosto especial pelo som, especialmente pelos instrumentos. Ouvi histórias de trompetes (*to’cü*) que são ouvidos soando sem que ninguém esteja tocando. A explicação que me deram é que os imortais estão tocando eles, mas nunca são visto fazendo isto. Uma informante me contou certa vez que qualquer um pode ouvir os imortais (*uünne*). Existem relatos de pessoas que ouviram um assobio, um canto, conversa, barulho. Depois, quando iam verificar do que se tratava, não encontravam nada. “Se acontecer de

veremos um imortal é porque já nos tornamos um deles. Apenas os pajés conseguem vê-los sem morrer antes. Eles visitam os imortais em sonhos.”

Francisco comenta que seu avô fez um *to'cü* certa vez que ficou muito bonito e guardou-o na água. “Mas o instrumento se encantou, foi embora. Diz minha mãe que quando ela vai ao lugar onde ele estava guardado ela escuta. Quando procurava não encontrava nada. Ele já tinha dono, *uünne* [imortais/encantados] tinha levado ele. Eles são muito inteligentes, mais do que a gente e eles que tocavam o *to'cü*. Mas a gente não via, só ouvia a voz do *to'cü*”. Segundo me disseram, quando jogam o trompete fora ou deixam por aí, vamos procurá-lo e ele não está mais no lugar onde deixamos. Se isto acontece é porque os encantados/imortais (*ü'üne*) levaram. Isto costuma acontecer quando as pessoas já não querem mais o *to'cü*, desistem dele. Então os encantados/imortais pegam para eles e levam para fazer festa também. Em consequência, o *to'cü* se encanta e vira gente (*du'ün*). Hilda (Mutchique'ena) comentou-me que onde o pai dela deixava o *to'cü* dele o instrumento tocava sozinho. As pessoas o ouviam tocando sozinho, lá no quintal de sua irmã.

Bibliografia

- DAHLHAUS, Carl & EGGBRECHT, Hans Heinrich. 2009. *Que é a música?*, Edições Texto & Grafia, Ltda, Lisboa.
- DO VALE, MARIA C. R. 2002. *Waimiri-Atroari em festa é Maryba na floresta*. Tese de Mestrado, Universidade do Amazonas, Amazonas.
- GOULARD, JEAN-PIERRE. 2009. *Entre Mortales e Inmortales - El Ser según los Ticuna de la Amazonía*. CAAAP, CNRS-MAEE-IFEA, Lima.
- LÉVI-STRAUSS, C. 2004 [1964]. *O cru e o cozido*. São Paulo: Cosac & Naify.
- MONTES RODRÍGUEZ, María Emilia. 2005. *Morfosintaxis de la lengua tikuna*. Colección Lenguas Aborígenes de Colombia, Descripciones 15. Ed. Universidad De Los Andes Centro De Estudios Socioculturales - CESO - CCELA.
- NIMUENDAJU, Curt. 1952. *The Tukuna*. American Archeology. Berkeley & Los Angeles University of California Press.
- TEIXEIRA-PINTO, Márnio. 1997. *Iepari. Sacrifício e Vida Social entre os Índios Arara*, Eds. Hucitec/ANPOCS, UFPR, São Paulo/SP.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 1986. *Araweté: os deuses canibais*, Rio de Janeiro: J. Zahar Ed. ANPOCS.